



EXPRESSO		AVANTE	
SEMPRE FIXE		PORTUGAL SOCIALISTA	
TEMPO		POVO LIVRE	
O JORNAL	20. DEZ. 1970	ALAVANCA	
NOVA TERRA		UNIDADE	
VOZ PORTUCALENSE		LUTA POPULAR	
		PODER POPULAR	



**Governo Pintasilgo
uma pedrada no charco**

Ao anunciar em Julho a dissolução da Assembleia da República, Ramalho Eanes fora acusado pelos socialistas de ter cedido aos propósitos de sociais-democratas e centristas. Mas a situação inverteu-se semanas depois, quando o presidente nomeou primeiro-ministro a embaixadora de Portugal na UNESCO, Maria de Lurdes Pintasilgo, considerada pela AD como próxima dos socialistas. Conhecido por governo dos «cem dias» — horizonte temporal já ultrapassado — este Executivo destinava-se a assegurar a gestão do País até que os resultados das intercalares permitissem a formação de um gabinete estável. Mas a escolha de Lurdes Pintasilgo, a metodologia seguida por Ramalho Eanes (mais esta do que aquela) e ainda um conjunto de medidas de fundo voltadas para o campo social e económico — indispueram decididamente os partidos da AD que como reflexo disso se afastariam ainda mais de Ramalho Eanes, a ponto de a coligação que formavam ter rejeitado o apoio a uma eventual candidatura do actual Presidente. PSD e CDS, que nunca perdoaram a escolha de Eanes, criticaram-na violentamente e chamaram a Lurdes Pintasilgo «meloantunista, marxista e próxima do Partido Socialista».

A hostilidade subiu a tal grau que a 30 de Julho, os dois partidos não compareceram a uma audiência convocada pelo gabinete de Lurdes Pintasilgo, por não considerarem úteis quaisquer contactos com a primeiro-ministro indigitado. Soares que não ocultava o seu desagrado pela dissolução do Parlamento, afirmava entretanto que a discordância do PS relativamente ao V Governo não incidia sobre a composição mas sobre a sua génese. Numa primeira fase, o secretário-geral do PS desejara mesmo protestar contra a decisão de Eanes, através de uma manifestação pública, mas, ao saber da escolha de Lurdes Pintasilgo — personalidade de uma área progressiva moderada — terá adiado o ajuste de contas. O encontro de Eanes com Soares, em Belém, em plena campanha eleitoral, na véspera do aniversário do 25 de Novembro, terá assinalado pontos de convergência e facilitado, porventura, um desejo recíproco de conciliação.

Ao subir à tribuna, na Assembleia da República, a 13 de Agosto, Lurdes Pintasilgo sabia, entretanto, com o que contava. Os partidos da Aliança Democrática, que, desmentindo os que lhe atribuíam a intenção de abandonar o hemiciclo, permaneceram até ao fim, iam propor uma moção de rejeição do seu programa que não viria a ser aprovada mais por efeito do peso das abstenções do que por efeito de uma clara expressão afirmativa e de apoio a Pintasilgo por parte das forças à esquerda do PSD. De facto só os independentes ex-PSD, Vasco da Gama Fernandes e um ex-CDS, Cunha Simões, votaram contra a moção; socialistas e comunistas abstiveram-se juntamente com Galvão de Melo e a favor apenas ficaram em acta os votos do PSD e do CDS.

O governo passou, no Parlamento, enfrentando a hostilidade dos que o apoucaram. Lurdes Pintasilgo, em jeito de pórtico, diria, no termo do debate: «Talvez fosse expectativa de alguns sectores desta Câmara que eu respondesse às acusações que aqui foram feitas e que justificam, aos olhos dos senhores deputados que as formularam, a sua afirmação de que o primeiro-ministro e este Governo não oferecem garantias políticas de isenção e imparcialidade. Responder a tais acusações é uma óbvia intenção. Devo confessar que a minha origem ribatejana me impeliu a fazê-lo e a descoberto! Mas considero que as calúnias e as mentiras caem, de podres, a seu tempo.»